

Heróis do Mar VIII*

Bravura no mar, poesia em terra



FILIPA DO CARMO
filipadocarmo@aurinegra.com

Foi por entre as dunas da Praia de Mira que Mário Cardoso Reigota foi descobrindo os segredos do mar e da vida de pescador. Começou na sardinha já lá vão 50 anos, passou pelo bacalhau nos mares do Norte e pela pescada, nos do Sul. Hoje já não deixa terra mas é ao seu companheiro de décadas que vai dedicando a poesia que escreve.

Nasceu na Praia de Mira, numa casa mesmo à beira do areal, no dia 20 de Julho de 1946. Cresceu num meio em que a vida não era fácil e em que o dinheiro mostrava poucas vezes as suas cores: “Éramos pobres, uma família numerosa. Eu era o mais velho de seis”. Por isso, cedo teve que trabalhar. Com 15 anos já andava na pesca à sardinha, entre a Figueira da Foz e Leixões, e sabia que o seu destino havia de estar sempre ligado ao mar.

Chega a hora de cumprir o serviço militar e o medo de ir para África lutar na Guerra do Ultramar faz com que siga o caminho trilhado por outros jovens antes de si. “Indo para a pesca do bacalhau livrávamos à tropa. Foi o que eu fiz”. Tinha 19 anos e um mundo de novidades pela frente. “Foi a primeira vez que andei de comboio, a primeira vez que comi carne de vaca e a primeira vez que tomei

um banho de chuveiro. Na Praia tomávamos banho na vala”, recorda divertido.

Sucediam-se as experiências, a que se juntou o naufrágio do navio em que embarcou rumo às águas frias da Terra Nova, naquela que seria a sua primeira viagem na pesca do bacalhau: “Naufragámos no dia 22 de Janeiro de 1966, tínhamos acabado de deixar o cais. O navio chamava-se Santa Mafalda”. O susto fez com que pensasse em desistir mas os irmãos pequenos que deixava na Gândara e o desejo de ajudar o pai a sustentar a família falaram mais alto.

Já não conheceu os dórins nem pescou o “fiel amigo” à linha, mas em Outubro de 1966 acabaria mesmo por embarcar no “Santa Cristina”, o bacalho-

eiro onde cumpriu sete anos de campanhas. “Era um navio moderno, de 82 metros, onde embarcávamos mais de 70 homens, entre oficiais, mestrança e maquinistas”. Começou como “verde”, depois foi aprendiz de redeiro e no ano em que se casou ascendeu a redeiro, o posto mais alto dos marinheiros.

BONS E MAUS BOCADOS

Aos 27 anos, livre que estava de cumprir serviço militar, decidiu ir “a salto” para o Luxemburgo. Em Portugal lutava-se pela Liberdade e no pequeno país do Benelux Mário Reigota lutava contra o desejo de abandonar a terra e regressar ao mar: “Quem é filho de mar não fica muito tempo fora de água”. O pescador perdeu a luta

e ao fim de três anos regressou à Praia de Mira. É então que troca o azul glacial pelas águas quentes da África do Sul, onde andou à pescada: “Só fiz uma viagem, não gostei nada daquilo. Era muito calor”. Regressou, então, à pesca do bacalhau mas foram muitas as diferenças que encontrou.

“Nos primeiros anos no bacalhoeiro a vida a bordo era mais difícil. Tínhamos que fazer de tudo, deste tratar o peixe a lavar a loiça. Era uma vida muito dura, uma vez cheguei a cair de desidratação”. Desses primeiros sete anos recorda um episódio que podia ter sido trágico, quando o “Santa Isabel” embateu contra um icebergue e rompeu o fundo e foi o “Santa Cristina”, em que Mário Reigota estava embarcado, que ajudou no resgate: “Felizmente escaparam todos com vida mas o desfecho podia ter sido diferente”.

Não nega que se passaram maus bocados mas faz questão de lembrar os bons, que também os houve: “Não fomos sempre mártires ou heróis, também houve coisas boas. Passeávamos e divertíamos-nos quando íamos a terra”. O 25 de Abril trouxe melhorias à vida a bordo, com as diferenças entre oficiais e marinheiros a esbaterem-se: “Comíamos melhor, o mesmo que os oficiais, havia uma comissão de Disciplina e Bem-estar a Bordo e já não trabalhávamos sem horário. Antes era uma escravidão e não tínhamos condições nenhuma. Daí ser uma vida que nos livrava da tropa e da guerra”.

Foram mais sete anos a navegar águas longínquas, até que se tentou aproximar da costa e

“O Pescador e a sua Luta”

Meu povo que tens no mar
O teu campo de batalha
Lutando no mar a pescar
Sem ganhar qualquer medalha

Meu povo que solidão
Se vive nas águas sagradas
Por vezes tão exaltadas
Nessa grande imensidão

Vai com Deus, vai pescador
Vai com Deus e tem coragem
Que Deus te proteja nesta viagem
Cristo Jesus nosso Senhor

Há de ti quem nunca se esquece
E que espera o teu regressar
Vai pescador que eu digo uma prece
Hás-de com Deus a casa voltar

Cumpres no mar um dever
Como o soldado na guerra
Matas peixes, dás de comer
A muita gente cá em terra

Tens fama de rude e forte
Sofres o peso da solidão
Nunca lamentas a tua sorte
Mas tens lá dentro bom coração

Mário Cardoso Reigota

da família: “Fui mestre redeiro numa embarcação que pescava ao largo de Portugal mas errei quando pensei que fosse passar mais tempo com a família. Acabei os meus dias de mar vai fazer dez anos em Agosto e não tenho saudades dessa vida, do trabalho e do que lá passei”. Agora passa os dias com a família, cuidando dos netos, como que tentando recuperar algum do tempo que passou ausente. “Já tinha 37 anos de mar. Deixei essa vida ainda com alguma vitalidade”.

A dureza da vida de pescador não lhe deixa saudades mas o mar, esse, tem-no bem junto ao peito. “O mar não foi mau para mim. Se lhe guardarmos respeito ele é nosso amigo, dá-nos comida e deixa-nos ser alguém e sustentar as nossas famílias em terra”. Muitos anos lavrou o mar, hoje vai lavrando a terra e enchendo páginas com os poemas em que evoca os momentos de solidão e os anos de vida dados ao Grande Azul, companheiro e confidente, às vezes calmo, outras impaciente.



A bordo do “Santa Catarina”, acompanhado pelo irmão

* Este texto é o oitavo de uma série que o AuriNegra está a dedicar aos pescadores de bacalhau